

CELSO MING

economia



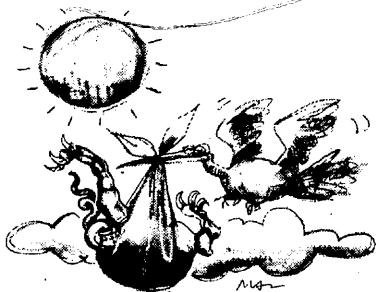
O FANTASMA DE SARNEY

O chá de pouco caso dos políticos, somado a uma forte dose de pragmatismo eleitoreiro, que, na última quinta-feira, provocou a evaporação de uma boa fração das receitas da União previstas para este ano, mostrou que o plano de Fernando Henrique não são "favas contadas", como parecia por ocasião de sua aprovação na comissão especial.

Cabe agora a pergunta: vai que, por essas e outras, o plano não passe e se transforme num grande aborto nacional; o que esperar da economia?

O plano no brejo abre um cenário parecido com o do final do período Sarney. Vira tudo um brutal desgoverno, inflação a galope com cheiro de hiper, e a lei do salve-se-quem-puder prevalecendo em todas as praças.

Mas isso é pouco. O Deus-dará do final do governo Sarney durou três meses, de dezembro de 1989 a março de 1990, quando a inflação pulou de 49,4% para 81,3%. Já estamos nos



40% ao mês. Se o plano for rejeitado — o que ficará claro em fevereiro — a catástrofe aconteceria 11 meses antes da posse do novo governo.

É evidente que isso é pensar pelo Apocalipse, um exercício que deverá estar sendo feito não só pelos pessimistas, mas pelos próprios congressistas. Estes sabem que, nessas condições, uma eleição em outubro próximo, se fosse mesmo realizada, se transformaria numa gigantesca loteria. Por isso, raciocinando pelo pior, depois do episódio de quinta-feira, a aprovação do plano ficou ainda mais provável.